



Apresentação

PAULO FONTES

diretor de *Lusitania Sacra*

A publicação da revista *Lusitania Sacra* tem obedecido, nos últimos anos, a uma tendência monográfica, assegurada nomeadamente pela organização de dossiês temáticos, salvaguardando-se embora a publicação de artigos e notas de investigação sobre matérias diversas. Esta continuará a ser a política editorial da nova direção da revista.

Por razões meramente circunstanciais, este número não inclui, no entanto, qualquer dossiê. Ainda assim, ele não deixa de apresentar uma unidade temática, sublinhada pelo título “Política, religião e missão na modernidade”.

Organizado a partir de um conjunto de textos propostos à redação e já aceites para publicação, após o habitual procedimento de *peer review*, o tomo 29 de *Lusitania Sacra* reúne textos relativos ao período de afirmação da modernidade ocidental no que à relação entre política e religião se refere, em particular no que implica a ideia de missão e a política missionária dos impérios europeus de então. Nessa perspetiva se enquadram os artigos publicados e uma das notas de investigação – relativa à Etiópia –, abarcando embora geografias e cronologias diversas.

Os três artigos com que a revista abre tratam diretamente do tema em título: os dois primeiros referem-se ao reino de Portugal e ao seu império no espaço do Índico, no período de Seiscentos; e o terceiro refere-se à Nova Espanha, no contexto das revoluções liberais e do desencadear dos movimentos independentistas no continente americano. No primeiro, Manuel Alberto Carvalho Vicente analisa o projeto inicial de evangelização de Madagáscar, no contexto dos interesses portugueses ligados à Carreira da Índia e ao Estado da Índia. No segundo, Nuno Vila-Santa questiona-se sobre a relação entre a Coroa portuguesa e o Estado da Índia nos reinados de

D. Sebastião e D. Henrique: política ou políticas? No terceiro, Marta Eugenia García Ugarte estabelece uma relação entre o que designa por catolicismo da independência e a emergência do Liberalismo no México, entre 1810 e 1821.

Subjacente a todos os artigos encontra-se a problemática da construção do Estado e da relação entre as esferas da política e da religião, em processo de diferenciação e tensão no quadro da definição da modernidade ocidental. Relação essa marcada pela identificação da nação com determinada confissão religiosa e pela persistente umbilicalidade entre os poderes do Estado e das Igrejas, sobrepostos nomeadamente no que à conceção do império e da missão diz respeito.

Tal situação fora inicialmente reforçada pela política de confessionalização seguida pelos reinos europeus, na sequência do estilhaçamento da Cristandade medieval e do confronto entre as diversas propostas do reformismo religioso, incluindo no campo católico, as decorrentes da realização do Concílio de Trento, como aconteceu também no caso português. No entanto, os desenvolvimentos do Estado moderno e as novas conceções e formas de legitimação do poder contribuíram para mudanças significativas no espaço cultural do catolicismo, onde à tradicional hegemonia religiosa sucedeu a disputa e uma conflitualidade crescente entre Estado e Igreja, com a emergência de políticas de laicização nos campos da educação, da assistência e da própria missão. As instituições sociais outrora assumidas pelas ordens religiosas passaram a ser objeto de disputa direta por parte dos Estados liberais, apoiada em múltiplas iniciativas que tiveram maior ou menor capacidade de penetração e sustentação no interior das sociedades oitocentistas e que se fizeram acompanhar de esforços com maior ou menor capacidade de difusão e propaganda.

E foi no interior deste trânsito político, cultural e ideológico que a própria identidade social do catolicismo se recompôs, conforme sublinha Marta Ugarte relativamente ao processo decorrente da luta pela independência do México: «Apesar do trabalho de restauração realizado desde 1825, a Igreja não pôde recuperar o âmbito social perdido durante a guerra de independência. A transformação de mentalidades, a separação das atividades públicas das sagradas, conseguida primeiro pela prática e depois através de decretos específicos, reduziram a capacidade de gestão dos pastores. Os acontecimentos posteriores do século XIX mexicano limitariam ainda mais a intervenção da Igreja nos assuntos públicos. A catolicidade, no entanto, sobreviveria, fosse em conflito ou mediante acordos e transações, com diversos embates que a temperariam». Pese embora a especificidade do processo mexicano, a evolução aqui assinalada conheceu paralelo noutros países de tradição católica.

Voltando à estrutura da revista, na qual habitualmente se distingue entre artigos propriamente ditos e notas de investigação, este tomo de *Lusitania Sacra* inclui ainda três textos sob essa última categorização: um primeiro, no âmbito da história da edição; um segundo, relativo à edição crítica de fontes; e um terceiro, de

história local. No primeiro desses textos, Manuel Cadafaz de Matos acompanha a edição internacional das obras D. Frei Gaspar do Casal e Frei Francisco Foreiro, no contexto da realização do Concílio de Trento. No segundo deles, Leonardo Cohen publica em português e traduz para inglês, com desenvolvido aparato crítico, o relato da cerimónia que celebra a conversão do imperador etíope Susānyos ao catolicismo, tal como compendiado pelo jesuíta Manuel de Almeida na sua *História da Etiópia*. A última nota de investigação assinala o modo como a igreja de S. Lourenço de Carnide, que perdera a sua importância e centralidade com o desenvolvimento do santuário da Luz no século XIX, foi objeto de várias vicissitudes e projetos de transformação do edifício religioso, antes, durante e após a política laicizadora da I República, que o desafetou do culto católico com o objetivo de o transformar em escola pública.

A revista inclui ainda as habituais secções de Crónica, de Recensões e de Bibliografia. Os textos publicados neste tomo utilizam uma de quatro línguas diferentes – português, francês, inglês e castelhano –, assinalando também deste modo a internacionalidade do projeto editorial de *Lusitania Sacra*.